

SOBRE AS ORIGENS DA AGRICULTURA E DA CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL

Suely Luna

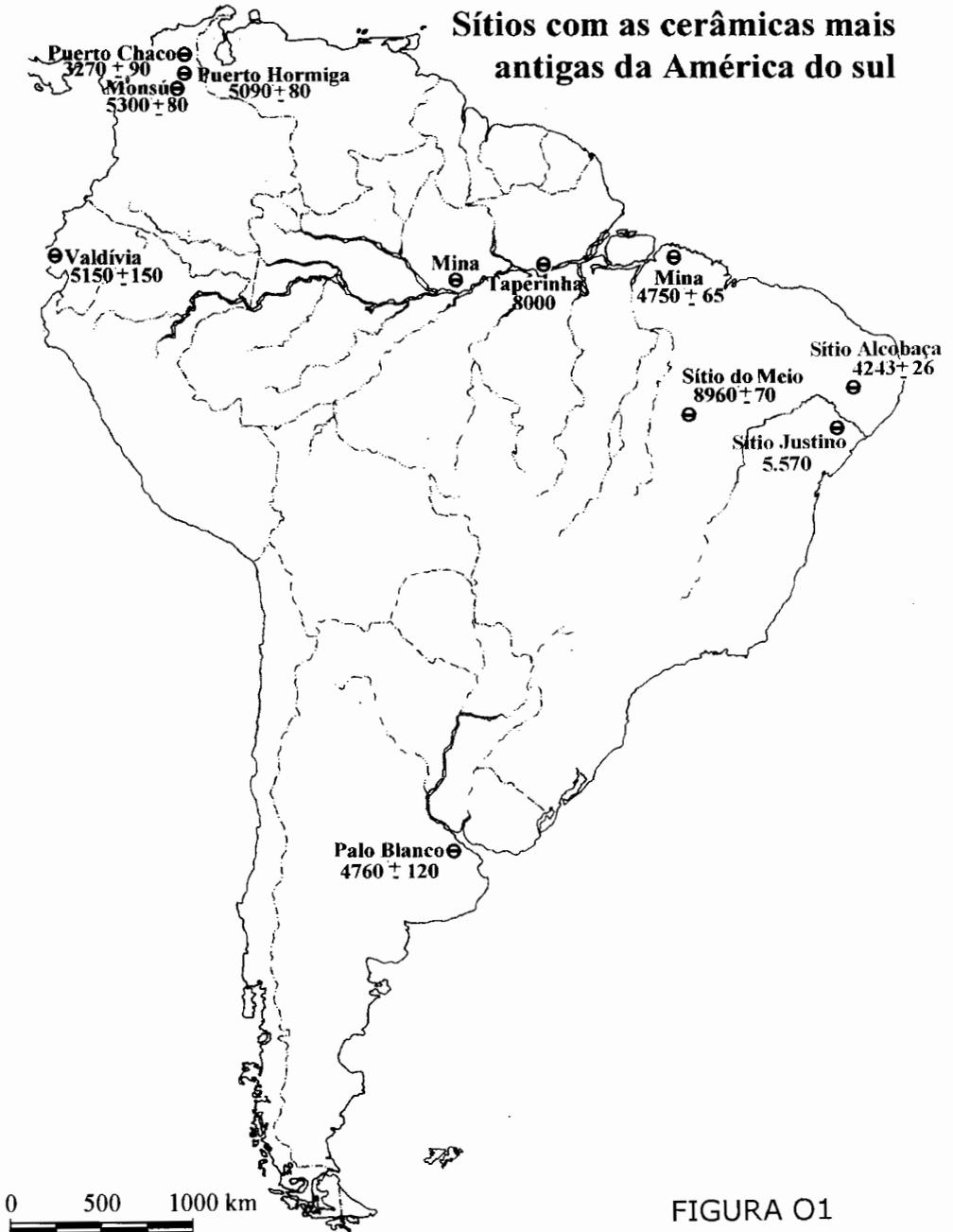
Resumo

A cerâmica é um dos elementos da cultura material mais abundante em vários sítios arqueológicos brasileiros, podendo servir como indicador de desenvolvimento técnico, e ao mesmo tempo fornecer outros indícios do estágio sócio-cultural dos grupos que a utilizaram. Em regiões como a Europa e o Oriente Próximo, o aparecimento da cerâmica está vinculado ao desenvolvimento da agricultura. Já no Brasil, pelos dados que dispomos na atualidade, os processos que levaram os grupos humanos pré-históricos a invenção da cerâmica e ao início do cultivo são independentes. Este trabalho visa apresentar o estado atual da pesquisa sobre o estudo da origem da cerâmica e da agricultura pré-histórica no Brasil.

Abstract

Ceramics is one of the most important elements of the most abundant culture material of different archaeological Brazilian sites, and it can serve as an indicator of technical development, and at the same time it may furnish other indications of the social and cultural levels of the people using them. In regions such as Europe and the Near-East the appearance of ceramics is linked to agricultural development. In Brazil, present available data indicate that processes leading pre-historic humans to invent ceramics and the beginning of Agriculture were separate events. This paper aims at presenting the current status of the research on the study of the origin of pre-historic ceramics and agriculture in Brazil.

Sítios com as cerâmicas mais antigas da América do sul



Em pré-história se trabalha com dados vestigiais, pois em grande parte, os restos que o homem deixou desapareceram rapidamente, principalmente a matéria orgânica. A cerâmica, pelo contrário, pode considerar-se “eterna” em termos arqueológicos: mesmo quebrada, arrastada ou rolada, sua presença é facilmente detectada e, em muitos casos, passa a ser o único vestígio da presença do homem pré-histórico. Sendo também um produto simples, barato de fabricar e facilmente renovável, ela está também sujeita à mudanças de formas e decoração, o que permite sua identificação espaço-temporal com relativa facilidade, dentro da precisão relativa que o registro arqueológico oferece. (Camps, 1979; Meggers e Evans, 1985; Orton, Tyers, Vince, 1997; Eiroa et al., 1999; Martin, 2000).

A cerâmica faz parte da bagagem cultural e tecnológica de diversos grupos humanos pré-históricos, que vêm sendo pesquisados no Nordeste nas últimas décadas. Formando parte de quase todos os momentos da vida cotidiana do homem primitivo, sua presença às vezes única no registro arqueológico, permite-nos inferir comportamentos sociais, tipo de alimentos e de rituais, comércio e contatos culturais, entre outras atividades, além de nos informar também sobre o desenvolvimento tecnológico dos grupos que a fabricaram.

A presença da cerâmica entre as populações pré-históricas vem geralmente associada ao conhecimento da agricultura, embora essa relação nem sempre obedece à realidade. Tem-se observado, através da etnografia, que grupos em estágio agrícola usaram outros tipos de recipientes para transportar, armazenar e mesmo cozinhar alimentos. Por sua vez, já foram também detectados grupos humanos ceramistas que não praticavam atividades agrícolas ou as praticavam sumariamente em períodos sazonais, baseando sua alimentação na caça e, principalmente, na coleta. A utilização da cerâmica não fica restrita, porém, a finalidades de preparação e armazenamento de alimentos, sendo usada também como objeto cerimonial, funerário, lúdico e de adorno.

Por outro lado, dados provenientes de escavações arqueológicas realizadas na Toca do Sítio do Meio, em São Raimundo Nonato - Piauí, onde fragmentos cerâmicos foram encontrados em níveis estratigráficos datados em 8.960 ± 70 AP. (Guidon e Pessis, 1993:79), tratando-se de uma das cronologias mais antigas para cerâmica na América do Sul (Figura 01), nos levam a questionar também a validade dessa associação entre cerâmica e agricultura. Segundo Legros (1990: 61):

“Contrairement à ce que l’ont connaît de néolithisation proche-orientale, où existe une phase néolithique pré-céramique, en Amérique le plus anciens niveaux contenant de la céramique seraient pré-néolithiques, c’est-à-dire que les ‘inventeurs’ de la poterie américaine ne connaîtraient pas encore l’agriculture.”

Pelo conhecimento adquirido até o presente, sabemos que no Brasil não há dados que comprovem a existência do cultivo de plantas anteriores a quatro mil anos antes do presente¹, sendo, portanto inseguro relacionar cerâmicas mais antigas com qualquer prática agrícola. Porém, de modo geral, não se pode negar que o desenvolvimento da tecnologia cerâmica foi incrementado pelo advento da agricultura e que, sem dúvida, as mudanças climáticas ocorridas com o final do pleistoceno, que ocasionaram transformações na paisagem e no meio ambiente numa escala mundial, estimulou, por parte dos grupos humanos pré-históricos, o desenvolvimento de soluções para prover a manutenção de suas necessidades e uma delas foi a agricultura. Segundo Maluquer de Motes (1971:141):

“El desequilibrio económico necesario para crear el estímulo, se produciría sin duda con la transformación climática postglaciar. El país, de año en año más seco, sufriría una deforestación natural intensa y una gradual disminución de las zonas de cereales, incrementada por la recolección destructiva de que eran objeto. Como por otra parte la desaparición del tapiz vegetal se traduce en la disminución de la fauna útil, los grupos humanos de estas zonas estaban abocados a su propia desaparición y en la busca de remedio ante tales circunstancias se origina toda la actividad pastoril y agraria posterior. El proceso es probablemente lento; pero en todo caso muy tardío. La solución, una vez hallada, no es simplemente un recurso transitorio; es una base nueva que no cesa de perfeccionarse y que supone una profunda transformación de la estructura social del grupo humano.

Esta nueva forma de vida implica desde el principio una vinculación mucho más estrecha del hombre a la tierra. Obliga a un sedentarismo mayor, a la organización de un poblado, a la creación de una agricultura, a la ordenación del trabajo, en fin, a la aparición de una secuela de técnicas e industrias nuevas como la cerámica y el tejido”.

No Brasil, estas mudanças climáticas podem ser constatadas através de estudos arqueológicos, climáticos, botânicos, zoológicos, geomorfológicos entre outros. As mudanças ocorridas restringiram grandes porções de áreas florestadas, transformando áreas úmidas em semi-áridas, muito próximas do que temos hoje. Muitas espécies vegetais e animais desapareceram, ocasionando a escassez de alimento e estimulando a migração lenta de povos pré-históricos, motivados pela procura de novas

terras que possuíssem as mesmas características das que eles conheciam. Muitos desses grupos humanos realizavam a coleta de plantas para a complementação da dieta alimentar, de forma que alguns desenvolveram práticas de seleção e reprodução dessas plantas, propiciando a seguridade da alimentação tão incerta daquelas que dependiam quase que exclusivamente da caça, apesar de que, no Brasil, até o momento, não há indícios que comprovem a existência de caçadores especializados, daí que o termo utilizado seja caçadores-coletores.

Os dados arqueológicos, baseados em restos alimentares resgatados em escavações, demonstram, até o presente, duas áreas que pressupõem o início da prática agrícola no Brasil, nos estados de Minas Gerais e Piauí, há aproximadamente quatro mil e dois mil anos antes do presente, respectivamente.

A região do Alto Médio São Francisco, localizada no estado de Minas Gerais, nos municípios de Unai e Varzelândia, onde os trabalhos arqueológicos vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira – IAB, é atualmente a que mais ofereceu subsídios para o estudo do início da agricultura no Brasil. Os principais sítios pesquisados, Sítio Gruta do Gentio II e Sítio Lapa do Boqueirão Soberbo, estão localizados em grutas de formação calcárea e em ambiente de campo-cerrado e transição para a caatinga, o que ajudou na conservação dos vestígios orgânicos.

Na Gruta do Gentio II foram identificadas quatro camadas arqueológicas, sendo as três primeiras relacionadas a grupos de caçadores-coletores (Camada IV – 10.190 ± 120 [SI 6837]; Camada III – obtidas cinco datações entre 8.595 ± 215 [SI 5077] e 9.040 ± 70 [BETA 3520], e Camada II – com quatro datações entre 7.295 ± 150 [SI 2372] e 8.215 ± 120 [SI2373],) e a última a grupos ceramistas que já praticavam a agricultura. Na camada I era onde se encontravam “... os restos vegetais, ao lado de abundante material arqueológico, constituído de artefatos líticos e cerâmicos, fiação, tecelagem, peças de cabaça, vestígios de arte plumária, cestaria, além de raras peças de madeira e enorme sortimento de adornos (especialmente contas de colar de sementes ...” (Dias Jr., 1993:35). Esta camada com maior riqueza e variedade de vestígios, forneceu oito datações radiocarbônicas, “... que a colocam entre $410 + 60$ (SI 2836) e $3.490 + 120$ (SI 2788), sendo seis delas com idade superior a mil anos.” (Bird, Dias Jr., Carvalho, 1991:17).

O Sítio Lapa do Boqueirão Soberbo se compõe de duas entradas denominadas de “abrigo” e “cavernas”, que se intercomunicam, nas quais foram realizadas escavações. Na área da “caverna” foram identificadas três camadas estratigráficas, a primeira (camada III) datada de 9.135 ± 105 (SI 5508) e a camada II, com datação de 8.865 ± 110 (SI 5509), ambas relacionadas a grupos de caçadores-coletores. Do mesmo modo que no sítio anteriormente descrito, a camada I foi a mais rica em vestígios arqueológicos. No “abrigo”, constatou-se a presença de sete camadas estratigráficas datadas entre $1.325 + 60$ (SI 4486, camada I) e $9.185 + 75$ (SI 4487, camada VI), a camada VII, segundo Bird, Dias Jr., Carvalho (1991:19), estaria relacionada a níveis pleistocênicos. Segundo Dias Jr,

“Embora ‘Caverna’ e ‘Abrigo’ apresentem ocupações assemelhadas, suas composições estratigráficas são algo diferenciadas. Camada I da Caverna I e II do Abrigo. São friáveis, de coloração cinza ou marrom avermelhada com áreas compactadas. Atingem uma espessura de cerca de 80 cm. São aquelas em que ocorrem restos vegetais possivelmente domesticados, inclusive espigas de milho depositadas em pequenos silos, arredondados e em forma de ninho de pássaro feito de folhas finas de um capim não identificado. São abundantes os outros restos culturais (alguma cerâmica na superfície, líticos e poucos fios trançados). Estão datadas entre 635 dC (nível superior da Camada I) e cerca de 3.000 aC (nível base da Camada II).” (1993:36).

Um outro sítio da área, denominado Lapa do Barreirinho, foi também escavado pela equipe do IAB, no qual “... pese a sua pequena espessura ocupacional, além de sepultamentos calcificados foram também localizados os pequenos ‘silos’ de capim contendo restos de espigas de milho em níveis datados ao redor de 3.000 anos aC.” (Dias Jr., 1993:36).

A grande quantidade e variedade de restos vegetais encontrados nestes sítios mostram já a utilização de muitas plantas domesticadas (espécies distintas de milho, amendoim, algodão) e de outras que são típicas da vegetação da região do entorno dos sítios (pequi, jatobá, buriti, guariroba entre outras). Dias Jr discute o significado desses achados arqueológicos seguindo dois raciocínios distintos. O primeiro está relacionado

“... à situação cronológica dos sítios, cujas datações mais antigas mal se aproximam daquelas propostas para os inícios dos cultivos em outras partes da América. Neste caso poderíamos estar frente à ocupações de grutas por comunidades já plenamente horticultoras, aproveitando os recursos naturais e trazendo na bagagem experiências desenvolvidas alhures.” (Dias Jr, 1993:38-39).

Para o autor, parte dessa questão pode ser viável, embora acredite que parte do processo foi desenvolvido localmente, isto alicerçado na antigüidade dos sítios mineiros em relação a outros sítios brasileiros e na existência de evidências que mostram o uso de plantas locais.

No segundo raciocínio, Dias Jr contesta:

“Por outro lado, podemos argumentar, até que ponto existem fatores que permitem afirmar que se tratam de sítios onde eram desenvolvidas experiências com plantas e não simples aproveitamento de recursos (no caso, pela coleta), sem alterações de caráter cultural? Se considerarmos aqui somente as espécies descritas e que são encontradas em forma silvestre até hoje na área, poderíamos concordar com o fato daquelas comunidades estarem somente num estágio de otimização do aproveitamento natural dos recursos vegetais. O algodão e o amendoim no entanto, parecem apontar em outra direção. O mesmo, e de forma mais aguda, no que se trata em relação às evidências de milho arqueológico recolhidas naqueles sítios.” (1993:39), isto porque dos quatro tipos identificados, dois deles não são conhecidos naquela região nem tampouco em qualquer outra parte da América.

Outra região onde se obtiveram dados referentes à utilização de plantas está localizada no Sudeste do Piauí, porém os estudos botânicos sistemáticos a respeito dos restos vegetais ainda não foram divulgados. As poucas referências que obtivemos se relacionam ao sítio Toca do Gongo I, datado em 2.090 \pm 110 AP (GIF 3223), sobre o qual Maranca, ao referir-se à importância da compreensão da vida dos grupos agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato, relata que:

“Neste abrigo foram retirados 9 sepultamentos, sendo 4 em urnas funerárias e 5 em fossas na terra. O abrigo foi também um local de acampamento, pois encontramos abundante cerâmica utilitária, utensílios de pedra lascada e polida, restos de fogueiras e vestígios de sementes de amendoim, feijão, além de cabaças inteiras ou quebradas.” (1991:95).

Essas informações auxiliam na formulação de questões à respeito do início do cultivo de plantas no Piauí.

Em meados da década de 1990, foi iniciada a escavação do Sítio Alcobaça, localizado no município de Buíque em Pernambuco, pela equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco. Este sítio tem fornecido um importante acervo de vestígios arqueológicos

de origem vegetal, entre os quais se pode destacar palhas e sabugos de milho, encontrados numa fogueira datada de 4.243 ± 26 (CSIC-1441), e fragmentos de cabaça associados a enterramentos datados de 2.466 ± 32 (CSIC- 1630) e 2.405 ± 30 (CSIC-1432); diversos tipos de sementes ainda não identificadas; endocarpo de babaçu e ouricuri; cascas e sementes de umbu, entre outros tantos restos vegetais que, no momento, encontram-se em estudo. Além do material vegetal, foram encontrados fragmentos cerâmicos, líticos, restos faunísticos e diversos sepultamentos secundários cremados. Foram obtidas 24 datações de C-14 para este sítio, que vão de 4.851 ± 30 (CSIC 1635) a 888 ± 25 (CSIC 1434) anos AP (Nascimento, 2001).

As informações que temos a respeito do início da agricultura no Brasil são poucas. Os milhares de sítios pesquisados, quando classificados do ponto de vista da base econômica, foram inseridos como caçadores-coletores ou já baseados na produção agrícola, mesmo ainda combinando esta atividade com a caça e a coleta. O processo transitório entre estas duas formas de sustentação econômica ainda é pouco conhecido, e as razões podem ir além das próprias condições de preservação desse tipo de vestígio e a falta de metodologias adequadas no seu resgate durante as escavações. Como exemplo disso, podemos citar a carência de estudos sistemáticos de palinologia nas diversas regiões do país; o estudo da composição química de restos alimentares que, por vezes, são encontrados impregnando objetos; a falta de análises de flotação e de estudos de isótopos de carbono 12, 13 e nitrogênio 15. Faltam também estudos de radiação para determinar aminoácidos em dietas; pesquisa em fitólitos e pólen para derivar dados a respeito de dietas ou restos de plantas, e o estudo das patologias ósseas nos esqueletos, buscando traçar quais deficiências na dieta alimentar poderiam estar relacionadas a essas doenças.

A utilização da cerâmica como um elemento auxiliar é essencial no processo de reconstituição pré-histórica e tem demonstrado grande utilidade para o estabelecimento da caracterização e das relações de grupos étnicos. Apesar de aparentemente simples, a manufatura de um objeto cerâmico requer amplo conhecimento técnico, mesmo daqueles ceramistas não especializados, ou seja, naquelas sociedades onde os ceramistas não dedicavam tempo integral à produção de cerâmica. Alguns autores colocam que a cerâmica possui local de origem única, e que, por meio de difusão, chegou aos diversos grupos, o que mostra um difusionismo exacerbado onde não se leva em consideração a capacidade criativa do homem (Meggers, 1979; Brochado, 1991). Entretanto, a maioria dos

autores admite a existência de pontos de origem independentes e, a partir deles, a disseminação das diversas formas de fabricar cerâmica.

No caso específico do Brasil, existem ambas as posições, onde, para o primeiro caso, admite-se como local de origem de toda a cerâmica pré-histórica brasileira a região Amazônica (Brochado, 1991), e no segundo, poderia ter pontos originários nas regiões Amazônica e Nordeste (Dias Jr, Scatamacchia, Albuquerque, entre outros), levando-se em consideração as datações radiocarbônicas obtidas até o momento.

As cerâmicas mais antigas que se conhecem atualmente no Brasil, estão localizadas na região Amazônica, no Sítio Taperinha, sambaqui fluvial localizado perto de Santarém, cuja idade foi estabelecida entre 5.000 e 4.000 anos a.C., e em sítios da tradição Mina, também sambaquis fluviais e lacustres, localizados na foz e no curso médio do rio Amazonas, datados entre 3.000 e 1.600 a.C. A cerâmica encontrada é muito simples, tratando-se de vasilhas pequenas e abertas, em forma de cuias, quase sempre sem decoração. Alguns desses sambaquis chegam a ocupar vários hectares e alcançar vários metros de altura, o que poderia indicar locais de grandes assentamentos e de permanência prolongada, seqüência que segundo Roosevelt

“... sugere a transição de uma fase pré-cerâmica de coleta intensiva de mariscos para outra de coleta intensiva de plantas e de cultivo incipiente, com cerâmica. Neste sentido, este estágio parece representar uma fase de intensificação da subsistência e do crescimento populacional similar àquela do Mesolítico no Velho Mundo.” (1998:61).

Em vários sítios da região Nordeste obteve-se datações recuadas de níveis arqueológicos que continham cerâmica. No Sudeste do Piauí, temos a Toca do Sítio do Meio datado de 8.960 ± 70 AP (BETA 47493); Toca do Pinga do Boi (3.320 ± 60 AP [GIF 7607]; 3.010 ± 60 AP [GIF 7606]); Toca da Extrema 2 (4.730 ± 110 AP [GIF 5401]; 3.100 ± 50 AP [BETA 115912]); Toca do Morcego (4.290 ± 110 AP [GIF 5405]).

No sítio Alcobaça, situado em Buíque – PE, foram datadas fogueiras que continham fragmentos cerâmicos associados (4.733 ± 29 AP [CSIC 1631]; 4.243 ± 26 AP [CSIC 1441]).

No sítio Justino, localizado em Canindé do São Francisco – SE, foram obtidas datações a partir de fogueiras, e nos mesmos níveis foram encontradas cerâmicas (3.280 ± 135 anos AP [BaH]; 4.380 anos AP [BETA] e 5.570 anos AP). Neste sítio observa-se, a associação de vestígios cerâmicos com enterramentos, onde dos 167 enterramentos encontrados, há cerâmica associada em 24 deles. Estas datas, juntamente com as diferenciações das técnicas na elaboração da cerâmica, sugerem anterioridade à expansão dos grupos Tupiguarani e Aratu, como também, que os vestígios encontrados em Xingó são oriundos de nova cultura arqueológica² ainda não determinada (Luna, 2001).

Na realidade, temos ainda hoje poucas informações sobre as origens da cerâmica e da agricultura pré-histórica no Brasil, onde efetivamente só foram realizadas pesquisas limitadas a alguns sítios arqueológicos. A falta de pesquisas intensivas, que possibilitem a obtenção de novos dados que possam construir um quadro interpretativo mais abrangente e confiável, é fruto de uma política científica no país que privilegia algumas áreas do conhecimento em detrimento de outras, acarretando além da falta de verbas para investimento direto, a carência de profissionais especializados.

Suely Luna, Departamento de Letras e Ciências Humanas – Universidade Federal Rural de Pernambuco. suelyluna@ufrpe.br

Notas

*Este artigo é baseado em parte da tese de doutorado defendida na Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, em dezembro de 2001, sob o título: “As Populações Ceramistas Pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil”.

¹Nos sítios Lapa do Boqueirão e Lapa do Barreirinho – MG, escavados por Dias Jr (1993), que são descritos mais adiante, se obtiveram datações radiocarbônicas ao redor de 4.000 anos AP, provenientes de silos com restos vegetais, entre eles milho, amendoim e algodão.

² Utilizamos o conceito de Alcina Franch (1998), onde cultura arqueológica está definida por uma série de traços materiais que se repetem em um espaço e um tempo concreto, sendo a expressão material de um povo, entendendo que só uma forma de vida comum poderia originar a estreita similitude entre seus traços constitutivos.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Marcos. **Horticultores pré-históricos do Nordeste**. Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, v. 8-9, p.131-134, 1983-1984.
- ALCINA FRANCH, José (coord). **Diccionario de Arqueología**. Madrid : Alianza Editorial. 1998. 955p.IRD, Robert McK.; DIAS JR., Ondemar F.; CARVALHO, Eliana T. de. Subsídios para a arqueobotânica no

- Brasil: o milho antigo em cavernas de Minas Gerais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v.6, p.14-31, 1991.
- BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *CLIO, Série Arqueológica*. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro-1987, Recife: UFPE, v.1, n. 4, p.85-88, 1991. Número extraordinário.
- CAMPS, Gabriel. **Manuel de Recherche Préhistorique**. Paris : Doin Editeurs. 1979. 445p., il.
- DIAS JR., Ondemar Ferreira. As origens da horticultura no Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, Argentina: Instituto Panamericano de Geografia e Historia, n.7, p.07-52, enero-junio 1993.
- DIAS JR., Ondemar Ferreira; CARVALHO, Eliana. Discussão sobre os inícios da agricultura no Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte : UFMG, v. VI-VII, p.191-200, 1981-1982.
- EIROA, Jorge Juan et al. *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*. Barcelona: Editorial Ariel. 1999. 393p.
- GUIDON, Niéde; PESSIS, Anne-Marie. Recent discoveries on the holocenic levels of Sítio do Meio rock-shelter, Piauí, Brasil. *CLIO - Série Arqueológica*, Recife : UFPE, n.9, p.77-80, 1993.
- LEGROS, Thierry. Les premières céramiques américaines. In: *Dossiers d'Archeologie*, [S.l. : s. n.], n°. 145, pp. 60-63, 1990.
- LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. *As Populações Ceramistas Pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil*. 2001. 294f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. *Os grupos ceramistas do baixo São Francisco: primeiros resultados*. Aracaju : UFS-PAX/ CHESF/PETROBRÁS. 1997. 31p. (Cadernos de Arqueologia – Documento 12).
- _____. *Estudo da cerâmica arqueológica dos sítios São José 1 e 2 (Delmiro Gouveia – AL)*. São Cristóvão: PAX/UFS. 2000. 51p., il.
- MALUQUER DE MOTES, Juan. *La humanidad prehistorica*. 2ª edición. Barcelona : Montaner y Simón Editores. 1971. 363 p., il.
- MARANCA, Sílvia. Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato. *CLIO, Série Arqueológica*, Recife: UFPE, v.1, n. 4, Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro-1987, p.95-97, 1991. Número extraordinário.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 3ª ed. rev. Recife : Editora Universitária da UFPE, 2000, 440p., il.
- MEGGERS, Betty J. *América Pré-histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979. 242p.
- MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Um método cerâmico para o reconhecimento de comunidades pré-históricas. In: A utilização de seqüências cerâmicas seriadas para inferir comportamentos sociais, *Boletim, Série Ensaio*, n. 3. Rio de Janeiro : IAB, p.8-30, 1985.
- NASCIMENTO, Ana. *O Sítio Arqueológico Alcobaça, PE – Brasil: estudo das estruturas arqueológicas*. 2001. 286f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- ORTON, Clive; TYERS, Paul ; VINCE, Alan. *La cerámica en arqueología*. Barcelona : Crítica. 1997. 309 p., il.
- ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: Manuela Carneiro da Cunha (org.), *História dos índios no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p.53-86.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. O aparecimento da cerâmica como indicador de mudança do padrão de subsistência. *Revista de Arqueologia*, São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 6, p. 32-40, 1991.
- _____. Horticultores ceramistas da costa brasileira. *Revista de Arqueologia Americana*, Argentina: Instituto Panamericano de Geografia e Historia, n.8, p.117-158, julio-diciembre 1993 a enero-junio 1995.
- SIMON, Christian et al. *Enteramientos na Necrópole do Justino – Xingó*. São Cristóvão: PAX/UFS. 1999. 61p., il.